

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS



CONIMBRIGA



VOLUMES XXXII-XXXIII-1993/94

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

SÁLETE DA PONTE

Professora da Escola Superior de Tecnologia de Tomar

FIGURINHAS FEMININAS DE OSSO, INÉDITAS, DE CONIMBRIGA

«Conimbriga» XXXII-XXXIII (1993-1994), p. 313-319

RESUMO: Publicam-se dez figurinhas femininas de osso, de Conimbriga, procedentes das escavações antigas, sem contexto arqueológico conhecido. Interpretam-se como bonecas e referem-se paralelos de outros lugares.

RÉSUMÉ: L'auteur présente une collection de dix poupées, en os, provenant de fouilles anciennes de la ville de Conimbriga. Le contexte archéologique est inconnu. La recherche de parallèles ailleurs ne prétend pas être exhaustive mais seulement démontrer que ce type de poupées est assez commun dans tout l'empire romain.

(Página deixada propositadamente em branco)

FIGURINHAS FEMININAS DE OSSO, INÉDITAS, DE CONIMBRIGA

Reúnem-se, neste trabalho, 10 figurinhas de osso, provenientes do antigo acervo arqueológico de Conimbriga, ilustrando somente seis daquelas (Fig. 1). São desprovidas de qualquer contexto arqueológico, o que dificulta a sua datação. É certo que estas figurinhas apresentam semelhanças formais e estilísticas com outros exemplares peninsulares da época romana (*), relacionando-os, para o mesmo período histórico, com figuras análogos de Susa (Irão) e do Egípto (²).

E plausível admitir que estas figurinhas, pela esquematização dos seus traços anatómicos e dos atributos sexuais, possam ser classificadas como ex-votos ou amuletos, com carácter profiláctico e religioso. A figura feminina foi, desde a Pré-História até ao fim do Império Romano, a imagem simbólica da deusa-mãe, símbolo de maternidade, de fertilidade e sobrevivência da espécie humana. A evidência do seu carácter ritual e simbólico parece-nos bastante consistente, pelo simples facto dessas figurinhas primarem pela ausência de traços morfológicos comuns nas bonecas articuladas (³).

(¹) Cf. A. BAÚL, “Muñecas antiguas en Espana” *Archivo Español de Arqueología*, 35, 1962, p. 70-85 (p. 85); Cf. Maluquer de Motes, *Libro-Homenaje al Conde de La Vega de Sella*, Madrid, 1956, p. 293 e seg.

(²) Cf. GHIRSHMAN, *Iran*, 1954, lam. XXXIX, b; Cf. Wulff, *Altchristliche Bildwerke*, III-1, lam. XXII; Cf. STRZYGOSKI, *Koptische Kunst*, lam. XVIII; Cf. ELDERKIN (Kate McK.), “Jointed dolls in Antiquity” *American Journal of Archaeology*, 4, 1930, p. 455-472 (p. 456); Cf. Rahmani (L. Y.), “Finds from a Sixth to Seventh Centuries Site near Gaza”, *Israel Exploration Journal*, 39 (1-2) 1981.

(³) Cf. Lafaye (Georges), “Pupa”, in *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris, 1907, p. 768-769, figs. 3883-3884; Cf. Vaterlein (Jutta), *Roma Ludens. Kinder und Erwachsene beim Spiel im Antiken Rom*, Amsterdão, 1976, pp. 28-29, figs. 8-9. Esta última datada do Séc. II d.C.

Parece-nos, todavia, que estas figurinhas de Conimbriga se devem interpretar como bonecas e não como imagens de uma divindade.

As bonecas articuladas são as mais vulgares no mundo antigo, encontrando-se tanto no Egipto, na Ásia Menor, como em todo o mundo greco-romano. Os textos antigos referem-se a *nympha* e *pupa* ⁽⁴⁾, ou seja, a figurinhas - “raparigas pequenas” - feitas em madeira, terracota, cera, marfim, alabastro, osso ou de trapos, que os vendedores expunham nas tendas ou lojas da urbe. Destinavam-se às crianças, não só como meros brinquedos, mas também para as preparar para a vida familiar e social futura. O solo seco do Egipto conservou, da época romana, bonecas de trapos.

As bonecas constituíam para as crianças, tal como hoje, a imagem virtual de si próprias. O imaginário infantil convertia, quer em jogos, quer em passatempos mágicos, os risos e as lágrimas, a fidelidade e os cuidados de alimentação, de higiene e saúde que a criança partilhava com a sua fiel amiga - *pupa* - num verdadeiro testemunho da sua vida.

Os brinquedos e muito particularmente as bonecas aparecem associadas ao mobiliário funerário das crianças. Foram achadas bonecas nas catacumbas romanas, as quais estavam envoltas em faixas, repousando junto de restos de criança. Os escritores gregos e latinos referem que os brinquedos da criança eram consagrados, no berço, a Baco, enquanto que, no túmulo, aos deuses infernais.

A documentação arqueológica e iconográfica dá-nos várias informações sobre os gostos, os hábitos e os temores de gregos e romanos ⁽⁵⁾.

As noivas gregas que não teriam mais de 15 anos antes da cerimónia nupcial consagravam as suas bonecas a Ártemis, a Atena, Deméter ou Afrodite ⁽⁶⁾; as noivas romanas, por seu turno, prestavam inicialmente homenagem aos Lares e Penates, para depois adoptarem mais tarde o costume grego, dedicando as suas bonecas a Diana ou a Vénus. Foram achadas algumas bonecas articuladas nos templos das deusas protectoras gregas e romanas.

A jovem recém-casada, quando dava à luz pela primeira vez, dedicava à divindade protectora, Juno ou Ilícia, uma boneca que dependurava no interior do templo, simbolizando aquela oferta a imagem do

⁽⁴⁾ Cf. LAFAYE (G.), *op. cit.*, p. 768-769.

⁽⁵⁾ Cf. ELDERKIN, *op. cit.*, p. 455.

⁽⁶⁾ Cf. LAFAYE (G.), *op. cit.*, p. 768, fig. 5882.

sen bébé(7). Leónidas, nos seus poemas (Anth. Pal. VI, 309), refere-se à oferta de brinquedos, por rapazes gregos, a Apoio e a Hermes não mencionando, porém, a oferta de bonecas na sua lista de brinquedos, apesar de aquelas terem sido achadas em santuários de Apoio (8).

As bonecas romanas articuladas apresentavam-se, na maioria das vezes, com os braços e as pernas móveis; as mais aperfeiçoadas tinham articulações nas juntas dos cotovelos e joelhos (9). As figuras estilisticamente mais perfeitas copiavam o penteado e a indumentária da época, como vários exemplares achados em cemitérios romanos (10 *); outras ainda eram usadas como marionetas em espectáculos teatrais. Estas bonecas, fazendo parte do imaginário da criança, e sendo usadas como uma das peças indispensáveis no mundo dos brinquedos, constituíam, para os adultos, ex-votos e amuletos obrigatórios, que os acompanhavam até à última morada dos mortos. É assim que tanto as bonecas articuladas como as mais estilizadas se associam ao nascimento e morte de uma criança, a festividades nupciais, a dádivas profiláticas às divindades protectoras ou amuletos para contrariar os poderes maléficis dos deuses infernais. Em suma, estas figuras revelam, para além de uma actividade infantil, uma função psicológica, entre a religião, a crença e a superstição, tão comum na vida dos adultos. Por outro lado, a atitude imitativa das crianças é um reflexo da postura social dos adultos, que se evidencia na iconografia dos monumentos epigráficos e nas narrações dos escritores latinos.

Os exemplares de Conimbriga formam um conjunto bastante uniforme, quanto à singeleza e sugestão simbólica dos traços anatómicos aproximando-se de vários exemplares peninsulares (11), quase todos eles em osso.

As bonecas romanas achadas nas catacumbas de Calixtus e Priscilla (12), dos sécs. IV-V d.C., são, no entanto, de marfim. Poder-se-á

(7) Cf. PÉRSIO FLACO (Aulo ou Aules), *Satiras*, IV, 274. Poeta satírico latino que escreve “Augusta protectora das crianças, guarda no teu templo esta boneca e esta coroa de cabelos brilhantes. Guarda, feliz Ilítia, este dom do reconhecimento; é o prémio das dores de Tisis”.

(8) Cf. ELDERKIN (K. MCK.), *op. cit.* p. 455.

(9) Cf. ALLEAN (René), *Dicionário de Jogos* (tradução port.), Porto, 1973, p. 66-72.

(10) Cf. LAFAYE (G.), *op. cit.*, (nota 3), p.769, figs. 5883-5884; Cf. Balil (A.), *op. cit.*, p. 76.

(11) Cf. BALIL (A.), *op. cit.*, p. 76-77.

(12) Cf. ELDERKIN (K. MCK.), *op. cit.*, p. 472.

constatar que no período romano e post-romano a maioria das bonecas eram, sobretudo, em osso, madeira e marfim. Os modelos idênticos aos de Conimbriga tinham apenas os braços articulados, ligados por um eixo de ferro que unia os ombros. A cabeça é quase sempre sublinhada por um friso ondulado para representar sumariamente o cabelo, ao passo que os olhos, o nariz e a boca são marcados por meio de pontos, incisões ou rasgos côncavos; os seios são marcados por círculos concêntricos ou por leves protuberâncias separadas por duas incisões em X; a cintura, o umbigo e o sexo são, por sua vez, gravados por meio de incisões e pontos. Os braços articulados perderam-se. Ora, os exemplares de Conimbriga, tal como as figurinhas da Extremadura, registam a mesma fisionomia regional ⁽¹³⁾, caracterizando-se, essencialmente, pela rusticidade e singeleza estilística dos traços anatómicos, o que as singulariza de entre a gama de bonecas romanas. Os exemplares ilustrados são da época romana, para além de um outro já sido publicado ⁽¹⁴⁾, e que foi recolhido num nível estratigráfico correspondente à construção do fórum flávio.

CATÁLOGO

1. (Fig. 1.1). Boneca. Osso. Inv. A. 4151. Compr. 113 mm; Esp. 5 mm. Figura humana estilizada e completa. Cabeça quadrangular, biselada e rematada por uma coroa esquemática. Os olhos, a boca, a púbis e os pés são singelamente marcados por incisões. Os seios são definidos por meio de 2 largas incisões que se cruzam. Não tem a marcação do umbigo. Os ombros são atravessados horizontalmente por uma abertura tubular para a passagem do eixo de articulação dos braços. O reverso da figura tem um alisamento fruste.
2. (Não Bust.). Id. Inv. n.º A. 4153. Compr. 113 mm; esp. 5 mm.
Semelhante à anterior, tendo parte dos pés partidos.
3. (Não Ilust.). Id. Inv. n.º A. 4152. Compr. 95 mm; esp. 6 mm.
Conserva a parte inferior do tronco, com a marcação do umbigo, da púbis e de 3 incisões paralelas e horizontais nos pés.

⁽¹³⁾ Cf. BALIL (A.), *op. cit.*, p. 83-84. O autor refere-se a vários exemplares da coleção de Calzadilla (Badajoz), de Elche, de Mérida e a um grupo de bonecas existentes no Museu Arqueológico de Madrid.

⁽¹⁴⁾ Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VII, p. 193, Est. LUI, 315.

4. (Fig. 1.2). Id. Inv. n.º A. 4149. Compr. 106 mm; esp. 5 mm.
E semelhante às anteriores. Falta-lhe a cabeça.
5. (Fig. 1.3). Id. Inv. n.º A. 4145. Compr. 77 mm; esp. 6 mm.
Figura incompleta. É semelhante aos exemplares anteriores. O umbigo é marcado por um ponto inciso.
6. (Fig. 1.4). Id. Inv. n.º A. 4146. Compr. 73 mm. esp. 5 mm.
Peça incompleta. É idêntica às anteriores.
7. (Fig. 1.5). Id. Inv. n.º A. 4147. Compr. 90 mm; esp. 7 mm.
Figura incompleta. O recorte e estilização dos traços anatómicos não diferem dos exemplares anteriores.
8. (Fig. 1.6). Id. Inv. A. 4150. Compr. 92 mm; esp. 7 mm.
Peça incompleta. Falta-lhe a cabeça, o tronco e parte da base.
9. (Não Ilust.). Id. Inv. n.º A. 4148. Compr. 100 mm; esp. 6 mm.
Conserva a parte inferior do corpo, com a púbis e pés gravados.
- 10 (Não Ilust.). Id. Inv. n.º A. 4155. Compr. 30 mm. esp. 5 mm.
Conserva a cabeça de feição quadrangular, biselada e rematada por uma coroa estilizada. São gravados os olhos, a boca e os seios, de uma forma frustre.

